

---

# Práticas organizativas e emoções: etnografando uma organização social sem fins lucrativos

## Organizing Practices and Emotions: Ethnography in a Non-Profit Social Organization

VALDIR COSTA JUNIOR 

JOSIANE SILVA DE OLIVEIRA 

### RESUMO

O objetivo deste artigo foi compreender a dimensão das emoções nas práticas organizativas de uma organização sem fins lucrativos que presta auxílio a população em situação de rua na cidade de Maringá, Paraná. Para tanto, realizamos uma aproximação teórica dos Estudos Baseados em Práticas, em específico a partir de Theodore Schatzki, e das emoções a partir de uma abordagem antropológica. A metodologia adotada para esta pesquisa foi a etnografia, realizada de abril de 2018 a maio de 2019 na cidade de Maringá, Paraná. Postulamos que as emoções são uma parte importante não apenas de nossas práticas sociais, mas também de nossas práticas organizativas, possibilitando rompermos com o dualismo de compreensão do cotidiano organizacional. Este olhar mais próximo sob as emoções pode nos ajudar a compreender diferentes dinâmicas organizativas entre diversas constelações de práticas e organizações, visto que as organizações não se conectam apenas pelas práticas, mas também pelas pessoas e suas emoções. Desta forma, compreendemos ser necessário expandir os estudos que concebam as práticas como produtoras de nossa realidade social e organizacional.

**Palavras-chave:** Emoções; Estudos Baseados em Prática; Práticas Organizativas; Etnografia.

### ABSTRACT

This paper aims to understand the dimension of emotions in organizing practices of a non-profit organization that assists the homeless population in Maringá, Paraná. To this end, our theo-

retical approach is within the Practice-Based Studies, specifically from Theodore Schatzki, and within an anthropological approach to emotions. We conducted an ethnography from April 2018 to May 2019 in Maringá, Paraná, in a non-profit organization. We postulate that emotions are not only an important part of our social practices but also of our organizing practices. This closer look at emotions can help us understand different organizational dynamics between different constellations of practices and organizations since organizations are not only connected through practices but also people and their emotions. We, thus, understand it is necessary to expand the studies that conceive the practices as producers of our social and organizational reality.

**Keywords:** Emotions; Practice-Based Studies; Organizing Practices; Ethnography.

## INTRODUÇÃO

Os Estudos Baseados em Práticas (EBP) possibilitam o desenvolvimento de análises organizacionais a partir de uma vasta multidisciplinaridade. De acordo com Feldman & Orlikowski (2011), os EBP têm ganhado notoriedade nos Estudos Organizacionais (EOs) desde a virada da prática no início dos anos 2000. A partir desta virada, teóricos de práticas passaram a se preocupar não apenas com as atividades que as pessoas estavam realizando, mas passaram a se perguntar o porquê e como tais práticas eram realizadas, além de analisar o contexto social que elas estavam inseridas (Bispo, 2015; Whittington, 2006).

Segundo Feldman & Orlikowski (2011), esses estudos podem ser realizados a partir de três lentes teóricas: empírica, teórica e filosófica. A abordagem filosófica, na qual nos inserimos neste artigo, admite que o mundo social é formado a partir de diferentes práticas (Feldman & Orlikowski, 2011). Um dos propulsores deste pensamento, desde a virada de prática, é Theodore Schatzki (2002, 2016, 2019). Este autor compreende as práticas a partir de um lente ontológica plana (*flat ontology*), na qual a realidade social é formada por apenas um único plano, sendo este um emaranhando de práticas em diferentes contextos, não havendo desdobramentos de níveis como micro ou macro, por exemplo (Schatzki, 2016, 2019).

As práticas, segundo Schatzki (1996, 2002, 2019), são fazeres e dizeres corporais organizadas por fenômenos como entendimentos, regras e estruturas teleoafetivas. Nos EOs, Schatzki tem sido analisado teoricamente e epistemologicamente como forma de contribuição às análises de práticas organizativas e como elas formam diferentes tipos de organizações (Passos & Bulgacov, 2020; Júlio, 2016; Oliveira, Ramos, Bernardo & Rezende, 2016; Santos & Silveira, 2015). Embora presente em sua teoria de práticas, por meio da estrutura teleoafetiva, Schatzki (2019) compreende que as emoções não desempenham um grande papel na organização das práticas, partindo do princípio que elas são normatizadas, ou seja, que certas emoções e sentimentos são aceitos e esperados em determinada prática.

Desta forma, assim como Reckwitz (2013), enxergamos uma lacuna teórica entre as emoções e as práticas organizativas. De acordo com o referido autor, toda prática possui uma dinâmica emocional, sendo necessário reintegrar as emoções aos EBP. Desta forma, no intuito de romper com a dicotomia entre corpo, mente e razão sobre os estudos das emoções no campo da Administração (Fineman, 2000), advogamos por uma abordagem antropológica contextualista (Lutz, 1988; Lutz & Abu-Lughod, 1990).

Esta abordagem, segundo as referidas autoras, postula que as emoções devam ser discutidas a partir de uma dinâmica social, compreendendo os aspectos históricos e culturais, também. Um dos campos de conhecimento dentro dessa área que tem realizado essa discussão é os EOs, especificamente, algumas pesquisas têm destacado como os EBP podem contribuir com essa discussão (Oliveira, 2016; Oliveira & Cavedon, 2013, Álvarez, 2011) e é a partir desse campo de conhecimento que esse artigo se insere.

Um dos principais desafios que os estudos sobre as emoções nos colocam é discutir a dimensão humana. Reconhecer nossa humanidade no outro implica discutir a dimensão ontológica das emoções e do humano. A questão é: será que é possível reconhecer nossa humanidade em todos os grupos sociais? Estudos já indicam que a resposta para essa pergunta é não. Fanon (2020), por exemplo, afirma que historicamente é negada à população negra a condição de humano em sociedades coloniais devido, entre outros, a questão racial. Entretanto, há outros grupos sociais que histori-

camente essa condição é negada como, por exemplo, a população em situação de rua.

As pessoas em situação de rua são atreladas a uma imagem de ameaça e perigo, como que se os demais membros da sociedade, da qual elas são excluídas, deveriam temer sua existência. De acordo com Mattos e Ferreira (2004), as pessoas em situação de rua possuem uma representação social de sujas, vagabundas, preguiçosas, viciadas, entre outras, evidenciando um afastamento do que é “ser” humano. Nesse sentido, os sentimentos e as emoções dessas pessoas são ignorados, tanto que ao falarmos de políticas públicas para essa população, por exemplo, tipificamos como um problema social de moradia e de saúde, ignorando os aspectos psicológicos e emocionais.

Desta forma, o objetivo deste artigo foi compreender a dimensão das emoções nas práticas organizativas de uma organização sem fins lucrativos que presta auxílio a população em situação de rua na cidade de Maringá, Paraná. Para tanto, realizamos uma etnografia com a Organização Emoção na Rua (OER) do período de abril de 2018 até maio de 2019. O período da pesquisa totalizou 29 diários de campo, além de entrevistas e conversas informais com os sujeitos de pesquisa. A partir dos dados de pesquisa, os quais foram analisados interpretativamente conforme o método etnográfico (Clifford, 2011), postulamos duas categorias de análise, i) o organizar das práticas de cozinhar, e ii) a constelação de práticas entre diferentes organizações. A partir dessas discussões, como contribuição teórica para os EOs destacamos que as emoções são parte importante e constituintes das práticas organizativas, não devendo ser compreendidas apenas como um “fim” para a realização de determinada atividade. A partir das emoções, as organizações também “acontecem”.

Apresentamos os resultados desta pesquisa em quatro seções neste artigo, além da introdução. No referencial teórico, fazemos uma breve apresentação do conceito de práticas a partir de Schatzki (2019) e da antropologia das emoções. Em seguida, apresentamos o percurso metodológico a partir da etnografia com a Organização sob estudo. Ao final, apresentamos as contribuições desta pesquisa para os EOs.

## **PRÁTICAS ORGANIZATIVAS: CONTRIBUIÇÕES DE THEODORE SCHATZKI**

Theodore Schatzki é um teórico e filosófico que se preocupa em explorar as práticas sociais de atores humanos. De acordo com Schatzki (2002, 2019), as práticas são atividades humanas organizadas, podendo ser compreendidas como dizeres e fazeres corporais. É importante ressaltar a importância corporal para o conceito de práticas para o referido autor, visto que carregamos e realizamos as práticas por meio e através de nossos corpos. Neste sentido, podemos citar o estudo de Smets et al. (2015), que ao analisarem as atividades de uma resseguradora em Londres, identificaram que os movimentos, gestos e fazeres corporais dos trabalhadores mudavam de acordo com as práticas a serem realizadas.

De acordo com Schatzki (2002, 2019), as práticas são organizadas por quatro fenômenos: entendimentos práticos, entendimentos gerais, regras e estruturas teleoafetivas. Os entendimentos práticos referem-se à compreensão de como realizar determinada prática, informando as pessoas o que estamos realizando, como, por exemplo, acenar para um amigo que vemos de longe ou como enviar mensagem pelo telefone celular (Schatzki, 2019). Os entendimentos gerais referem-se ao que envolve e constitui as práticas; as regras, por sua vez, são explicações explícitas do que deve ser dito e/ou feito, podendo ser seguidas ou quebradas (Schatzki, 2002, 2019). As regras são proferidas pelas pessoas, não exclusivamente aquelas em uma posição de autoridade, e podem ser formuladas em textos e documentos, conforme explica o referido autor.

Nesse sentido, Jarzabkowski, Bednarek e Spee (2015) utilizaram os conceitos de Schatzki para compreender as práticas do mercado de seguro que lidam com eventos atípicos, como, por exemplo, atos divinos como terremotos. De acordo com os autores, a comunidade de pessoas que fazem parte desse mercado de trabalho é movida a partir de entendimentos gerais e práticos, constituindo “um *know-how* complexo dos atores do mercado sobre as práticas específicas de participação no mercado, por exemplo, como usar e contextualizar modelos na avaliação de um negócio” (Jarzabkowski, Bednarek & Spee, 2015, p. 187). Assim, de acordo com a pesquisa, podemos

perceber que os quatro elementos organizativos das práticas não são dissociáveis.

Além disso, de acordo com Schatzki (2019), nossas ações são quase sempre teleológicas, ou seja, possuem algum fim específico. Desta forma, as estruturas teleoafetivas são um conjunto organizado de “fins” para a prática, o porquê de realizarmos determinado conjunto de ações, considerando, inclusive, as emoções. (Schatzki, 2002, 2019). Ao enviarmos uma mensagem para um amigo, por exemplo, podemos ter a finalidade de acalmá-lo em alguma situação difícil ou parabeniza-lo por uma notícia boa, a parte emocional desta prática incide na alegria de conseguir acalmá-lo, na angústia frente ao problema do amigo, ou da felicidade do sucesso do mesmo (Schatzki, 2019).

Esses quatro fenômenos regem nossos fazeres e dizeres corporais, que, por sua vez, constituem nossa realidade social (Schatzki, 2016). Segundo o autor, a realidade social é constituída por um *plenum* das práticas, que é formado por um emaranhado delas e arranjos materiais que formam diferentes grupos que se conectam, formando, assim constelações de práticas. É importante ressaltar que os arranjos materiais se referem aos artefatos, objetos e organismos não-humanos (Schatzki, 2002, 2019).

No campo da Administração, podemos compreender as organizações como “acontecimentos” oriundos das práticas sociais (Schatzki, 2006). Segundo o autor, as organizações são um fenômeno social composto diferentes nexos de práticas e arranjos materiais, os quais se conectam com uma constelação de organizações (Schatzki, 2006, 2005). As organizações do mesmo segmento, por exemplo, se interligam pelos mesmos tipos de práticas, que se interligam com demais organizações que sejam interdependentes da primeira, e assim por diante.

A partir deste entendimento, Lodhia (2015), ao analisar as práticas organizativas de um banco na Austrália, identificou que tais práticas se conectavam com demais práticas bancárias e financeiras de outras instituições mundiais. Neste contexto, as práticas bancárias constituem um *plenum* interligando diversas instituições e organizações sociais que dependem delas. O estudo de Jarzabkowski, Bednarek e Spee (2015) também corrobora esses achados ao

compreender que a prática global de seguros é resultante de atividades de diversos atores conectados.

Por sua vez, Júlio (2016) fez essa discussão ao compreender as escolas de sambas como fenômenos sociais que acontecem por meio de um “[...] nexos de práticas organizadas e de arranjos materiais, mas também, e ao mesmo tempo, um nexos recursivo de suas ações passadas, presentes e futuras” (Júlio, 2016, p. 158). Desta forma, as práticas devem ser compreendidas a partir de seu contexto histórico e social, não considerando apenas o presente em suas análises (Schatzki, 2002; Júlio, 2016). Neste sentido, as escolas de sambas podem também ser analisadas por meio de uma constelação de práticas organizativas.

No entanto, há poucos estudos que deem destaque para os elementos afetivos e emocionais – estruturas teleoafetivas – que organizam as práticas. Desta forma, as próximas seções deste artigo propõem uma articulação entre os conceitos de práticas organizativas de Schatzki com um conceito antropológico sobre as emoções.

### **(RE)PENSANDO AS EMOÇÕES A PARTIR DA ANTROPOLOGIA**

As emoções tendem a ser estudados nos EOs de forma separada da razão, evidenciando um dualismo entre o que se sente e o que se pensa (Fineman, 2000). Fineman (2010) postula que devemos estudar as emoções a partir das estruturas sociais, normas e valores das organizações. Segundo o autor, as emoções evocam relações de poder organizacionais.

No entanto, esse pensamento ainda relaciona as emoções como algo gerenciável, seja positiva ou negativamente. De acordo com Sieben e Wettergren (2010), as emoções têm sido estudadas de quatro maneiras distintas no campo da Administração, a partir de uma abordagem política, que se desdobra em estudos pós-estruturalistas e críticos, e mantenedora, desdobrando-se de maneira funcionalista e interpretativista. O desdobramento crítico destaca o controle e gerenciamento das emoções como ações políticas, enquanto a pós-estruturalista estuda o gerenciamento das emoções como uma formação discursiva em relações de poder.

Segundo as autoras, esses tipos de estudos tendem a compreender as emoções como forças a serem descobertas, melhoras e geren-

ciadas. O olhar funcionalista destaca os aspectos (des)funcionais das emoções e seu gerenciamento, enquanto o interpretativista destaca a construção e significado do gerenciamento das emoções na vida social das organizações (Sieben & Wettergren, 2010).

Contudo, advogamos que seja necessário ir além e compreender as emoções como emergentes e constituintes de nossas práticas sociais. A partir de uma abordagem antropológica contextualista, podemos compreender as emoções como sendo socialmente, historicamente e culturalmente construídas (Lutz, 1998; Lutz & Abu-Lughod, 1990), ou seja, as emoções não são exclusivas aos indivíduos, mas um produto cultural coletivo. Na contramão da hegemonia dos estudos no campo da Administração, as emoções não devem ser compreendidas como algo a serem descobertas ou desconstruídas (Lutz, 1988). Neste íterim, ainda há uma lacuna teórica dentro dos EBP em relação às emoções. Reckwitz (2013), por exemplo, advoga a necessidade de considerarmos as emoções nos estudos de práticas. Segundo o autor, as emoções produzem materialidade e espaços.

Além disso, Lutz (1988) e Lutz e Abu-Lughod (1990) reconhecem que as emoções são formadas e dão vazão as forças políticas imbricadas em diferentes relações de poder. Schatzki (2019), no entanto, ao considerar as emoções como elementos organizativos das práticas, reitera que elas podem ser normatizadas. Nesse contexto, podemos citar o trabalho de Molander e Hartman (2018). Os referidos autores buscaram compreender a estrutura teleoafetiva das práticas em relação a cultura do consumo por meio de uma etnografia sobre a maternidade. Para os autores, as emoções organizam as práticas e vice-versa, sendo que a organização das emoções se dá em três estágios: antecipação, efetivação e avaliação.

A antecipação refere-se à possibilidade de afetos oriundos a determinada prática, é um estágio prévio da própria emoção; a efetivação refere-se à emoção sendo incorporada e sentida pela pessoa, ou seja, está ligada com a realização da prática; e a avaliação acontece após o término da prática, isto é, qual emoção surgiu em decorrência da atividade realizada e se seria necessário ajustes na própria prática (Molander & Hartman, 2018). Dessa forma, embora Schatzki (2019) reconheça que a normatização das emoções não



garanta que as pessoas farão o que é aceito ou esperado, essa visão relativiza, de certa forma, o papel que elas possuem em nossos dizeres e fazeres corporais, dando maior destaque para os fins, projetos e ações inerentes às práticas sociais

Contudo, é necessário pensar as emoções a partir dos afetos que produzem em nossa mente e em nosso corpo, para, então, analisarmos o que fazemos a partir delas (Lutz, 1988). Nos EOs Brasileiros, há recentes pesquisas que consideram as emoções a partir de um olhar contextualista, como, por exemplo, sobre a dimensão política das emoções nas práticas organizativas de um circo (Oliveira & Cavedon, 2013), práticas emocionais como força política e material (Oliveira, 2016); produção de espaços a partir da política emocional da vida cotidiana (Oliveira & Cavedon, 2018).

Já relacionando práticas organizativas com as emoções, Oliveira et al. (2016) discutiram a relação entre práticas organizativas e memórias em um ateliê de bordados em Goiás com base na teoria de Schatzki. Segundo as autoras, as dimensões teleoafetivas das memórias foi essencial para a análise organizacional, a qual era imbricado em diferentes afetos, em especial da sociabilidade feminina no ambiente organizacional estudado. Desta forma, propomos “desnormalizar” o papel das emoções nas práticas organizativas ao expandir essa discussão para uma organização social sem fins lucrativos. Na próxima seção deste artigo, descrevemos como essa pesquisa foi realizada por meio da etnografia.

## PERCURSO METODOLÓGICO

Estima-se que o Brasil possua cerca de 222 mil pessoas em situação de rua no ano de 2020 (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2020), havendo um aumento de quase 100 mil pessoas desde a última estimativa do ano de 2016. Desta forma, é comum encontrarmos diferentes organizações que lidam e prestam auxílio para esta população. Na cidade de Maringá, Paraná, não é diferente. A cidade em questão possui pouco mais de 430 mil habitantes, sendo que, segundo o último levantamento do Observatório das Metrôpoles (2019)<sup>1</sup>, 450 estão em situação de rua. No entanto, Maringá é uma

---

<sup>1</sup> Devido à pandemia da covid-19 e com as restrições estipuladas para garantir a saúde pública, não foi realizado um novo levantamento na cidade de Maringá para quantificar as pessoas que estão vivendo em situação de rua.

cidade com um forte marketing urbano, que rechaça a pobreza e diferenças sociais (Rodrigues & Souza, 2018).

Desta forma, na contramão das forças políticas da cidade, temos o grupo OER, uma organização sem fins lucrativos que presta auxílio alimentício para a população em situação de rua da cidade de Maringá, Paraná. Assim, realizamos um estudo etnográfico que se iniciou em abril de 2018 e encerrou-se em maio de 2019. A etnografia é um método recorrente nos Estudos Organizacionais (Domingues, Fantinel & Figueiredo, 2019; Oliveira, Mendes & Lopes, 2019; Cavedon, 2014; Vieira & Rivera, 2012), sendo necessário um engajamento cotidiano e prático com o campo e sujeitos de pesquisa (Clifford, 2011). Assim sendo, acompanhamos cotidianamente as atividades da OER.

Schatzki (2012) reconhece a etnografia como o principal método para se conseguir compreender as práticas e suas relações com a sociedade. Gherardi (2019, p. 2), inclusive, afirma que os EBP nos últimos vinte anos têm se beneficiado da etnografia como metodologia, sendo que “as etnografias baseadas em práticas ajudam a compreender o que as pessoas fazem enquanto trabalham, organizam, inovam e aprendem [...]”. Desta forma, por meio da observação participante, que exige um engajamento cotidiano no campo e com os envolvidos na pesquisa (Dewalt & Dewalt, 2011), trabalhamos como voluntários na OER a fim de compreender como ela se organizava e como as atividades do grupo eram realizadas, desde a preparação até a entrega do alimento, bem como a interação com a população em situação de rua da cidade.

As atividades da OER aconteciam aos domingos, por ser um dia com baixo movimento de pessoas nas ruas e nos quais os estabelecimentos da cidade fecham cedo, sendo que o comércio em sua grande maioria não abre. Dessa forma, as pessoas em situação de rua tinham menos opções e condições de se alimentar aos domingos. Assim,

A práticas organizativas do grupo começavam desde antes do dia da ação com a organização do que servir, quanto servir, onde comprar os ingredientes, como pagar, se era necessário pedirmos doação, etc. Esses detalhes mais administrativos ficavam por conta de Luíza, idealizadora e responsável direta pelo grupo. Os demais

membros auxiliavam Luíza em algumas dessas atividades quando era possível, mas o trabalho dos voluntariados era concentrado na cozinha e na entrega dos alimentos. No nosso caso, erámos responsáveis pela preparação dos sucos que eram entregues com os alimentos, bem como a montagem das marmitas.

A estrutura organizativa, mais uma vez, se mostrou presente em nossa entrada em campo. Nosso trabalho de fazer o suco e ajudar a montar as marmitas não foi escolhido por nós, fomos dados esse trabalho, pois, eram mais simples, não exigiam muita habilidade com a prática de cozinhar, e porque o grupo já possuía uma dinâmica própria de como preparar os alimentos. Com o tempo, fomos “ganhando” novas funções dentro da cozinha.

Os dados obtidos em campos foram registrados num total de 29 diários de campo, que foram escritos a partir das releituras dos acontecimentos, impressões, sentimentos e subjetividades das anotações em campo (Cavedon, 2014). Além disso, foi realizado entrevistas não-estruturadas com os participantes da OER durante nosso tempo em campo bem como os moradores em situação de rua que fazem parte do cotidiano do grupo. As entrevistas e conversas informais ocorreram tanto na cozinha da OER, quanto na rua, em especial com as pessoas em situação de rua. Um dos pesquisadores, inclusive, participou de um dos levantamentos realizado pelo Observatório das Metrôpoles da cidade de Maringá a fim de conhecer novas pessoas que vivenciavam a rua como forma de moradia.

As entrevistas e conversas informais (Fontana & Frey, 2005) tinham como objetivo compreender melhor a dinâmica social e emocional dos envolvidos, as quais foram registradas no diário de campo, pois, o projeto ao qual estamos vinculados no comitê de ética, não permite gravações dos sujeitos de pesquisas. O quadro a seguir mostra as entrevistas que foram realizadas durante nossa estadia em campo.

*Quadro 1 – entrevistas realizadas em campo*

| <b>Nome</b> | <b>Conversa informal</b>           |
|-------------|------------------------------------|
| Luíza       | Anotada, membro da OER             |
| Eliana      | Anotada, membro da OER             |
| Ana         | Anotada, membro da OER             |
| Clara       | Anotada, membro da OER             |
| Daniela     | Anotada, membro da OER             |
| Alan        | Anotada, pessoa em situação de rua |
| Clóvis      | Anotada, pessoa em situação de rua |
| Fabiano     | Anotada, pessoa em situação de rua |
| Janaina     | Anotada, pessoa em situação de rua |
| Jerônimo    | Anotada, pessoa em situação de rua |
| João        | Anotada, pessoa em situação de rua |
| José Luiz   | Anotada, pessoa em situação de rua |
| Juliana     | Anotada, pessoa em situação de rua |
| Paola       | Anotada, pessoa em situação de rua |
| Renato      | Anotada, pessoa em situação de rua |
| Rodrigo     | Anotada, pessoa em situação de rua |
| Tatiana     | Anotada, pessoa em situação de rua |
| Wagner      | Anotada, pessoa em situação de rua |

Fonte: elaborado pelos autores (2022).

As análises desse artigo são interpretativas própria do método etnográfico, articulando-se o teórico, êmico e ético, e baseiam-se, especificamente, na experiência de campo, nas entrevistas e conversas com Luíza, fundadora da OER, bem como de José Luiz, pessoa em situação de rua que mais nos impactou durante nosso tempo em campo. Deste modo, elas foram estruturadas em dois eixos temáticos. O primeiro relacionado às práticas da organização em estudo e, o segundo, sobre as práticas de intersecção entre as organizações que fazem a OER acontecer. Com isso, foi possível compreender as emoções do e no campo em estudo. Assim, as próximas seções deste artigo trazem os achados de pesquisa durante nosso tempo em campo.

## ORGANIZANDO A COZINHA COM EMOÇÕES

A Organização Emoção na Rua é formada por um grupo de voluntários majoritariamente feminino, em sua maioria de classe média, entre vinte e vinte cinco anos. Elas atuaram por três anos na cidade, sendo que as atividades da Organização foram encerradas no meio do ano de 2019. Nosso contato inicial com a Organização foi por um aplicativo de mensagens. Luíza, organizadora e mantenedora do grupo, fazia uma triagem para novos voluntários.

Quando entramos em contato para participar do grupo, ela nos fez uma série de perguntas. Nossa aceitação para adentrar o grupo não foi automática, sua preocupação e interesse, neste caso, eram em voluntários que realmente se comprometessem com o trabalho e que não possuíssem algum tipo de resistência com pessoas em situação de rua. Nesta situação, podemos identificar que a prática de aceitação de novos membros na organização possui entendimentos e regras práticas seguidas por uma dimensão teleoafetiva (Schatzki, 2002, 2019).

Na prática de aceitação, o entendimento se configura na realização de uma conversa prévia com os interessados de fazer parte de OER, as regras são consequentes dos entendimentos, sendo que há um critério de decisão e princípios a serem seguidos dentro da Organização (Schatzki, 2002), a estrutura teleoafetiva, por sua vez, configura-se na aceitação ou não de novos membros e na emoção que o aceite ou a recusa possa trazer para a OER. É necessário levarmos em conta que esses fazeres e, principalmente, dizeres na prática de aceitação se dá devido a dois fatores: a estrutura organizativa da própria OER e a preocupação com os moradores em situação de rua.

Eu acho importante conversar antes de aceitar alguém novo [no Grupo]. Já tivemos problemas antes. A gente era de um outro grupo, fazíamos as coisas à noite numa associação [...], distribuíamos a comida aos sábados à noite. Só que daí as pessoas começaram a faltar, a associação começou a dar problemas [com o fato de o grupo usar o espaço para fazer comida para a população em situação de rua], até que acabou o antigo o grupo. Mas, eu quis continuar. Agora a gente faz aqui em casa mesmo, eu quem comando e fico encarregada das compras, receber as doações, financeiro, e tudo mais [...]. Nós conhe-

emos essas pessoas [em situação de rua] há tanto tempo, temos uma relação e carinho por elas, não podemos estragar isso. (Luíza, diário de campo, maio de 2018).

A partir da fala da Luíza, podemos identificar que a OER já havia passado por uma reestruturação devido aos problemas com falta de voluntários. Além disso, o afeto e carinho para as pessoas que elas ajudam também é um fator que implica em suas práticas organizativas. As práticas que ocorrem dentro da OER são parcialmente oriundas do antigo grupo, principalmente a prática de cozinhar. No entanto, há uma mudança que emerge de um sentimento de cuidado na troca do dia da ação do grupo, que antes ocorria aos sábados à noite, para o domingo. Considerando a estrutura teleoafetiva, a dinâmica organizativa do grupo mudou com a finalidade de proporcionar alimentos para a população em situação de rua em um dia de pouco movimento na cidade, com comércios e restaurantes fechados e com menor circulação de pessoas.

Desta forma, observamos a importância de considerarmos o contexto histórico e cultural das organizações, bem como das emoções que emergem de um constante (con)viver com a população em situação de rua. É, inclusive, a partir dessa convivência constante que os entendimentos e regras das práticas se intensificam e se legitimam.

Na OER tudo é interligado. Cada um é responsável por uma atividade, embora todos saibam os passos, a receita do macarrão, como fazer o suco, como montar e distribuir as marmitas, a quantidade de molho, etc. Todo mundo sabe fazer cada atividade, caso algum membro do grupo venha a faltar ou tenha uma baixa de voluntários. Mas, em geral, elas seguem uma estrutura de como preparar os alimentos, a bebida, a montar as marmitas [...]. (Diário de campo, agosto de 2018).

Uma corrente de ações de determinada prática requer que as pessoas respondam ou reajam à ação de outra pessoa (Schatzki, 2019). Neste sentido, podemos observar que a prática de cozinhar era dividida em duas partes, do pré-preparo e do preparo efetivo. Essa divisão permite compreendermos que há um entendimento prático e geral do que é o cozinhar e como cozinhar pela OER. No

pré-preparo, todos os utensílios de cozinha já estavam dispostos para o nosso uso, atividade essa que era realizada por Luíza, pois usávamos a cozinha de seu apartamento.

Primeiramente, fervíamos a água numa chaleira elétrica para poder cozinhar a cenoura que fazia parte do molho do macarrão, enquanto isso, a água do macarrão era posta para ferver; os responsáveis pela calabresa, ingrediente indispensável para a cozinha, começavam o processo de descasca-las, cortá-las e reserva-las, enquanto isso as cenouras estavam de molho na água que acabava de ferver e terminariam de cozinhar no próprio molho. Após termos todos os ingredientes prontos para irem ao fogo, começávamos a segunda parte da prática de cozinhar exercida pela OER.

A segunda etapa começava com o preparo do molho vermelho. Enquanto a carne era preparada, começávamos a fazer as bebidas, que eram, em grande maioria, sucos concentrados. A OER servia macarrão por ser de fácil mastigação para as pessoas em situação de rua, o suco concentrado era por ser mais saudável. Neste ínterim, podemos compreender como a prática de cozinhar se conecta em uma corrente de ações que se interligam e que são interdependentes, conforme postulado por Schatzki (2019). Antes mesmos de começarmos a cozinhar, os alimentos e a bebida já tinham que estar comprados, era necessário garantir que haveriam marmitas suficientes para serem feitas, que os utensílios de cozinha estavam limpos, que havia gelo para fazer o suco do dia.

A prática de cozinhar mobilizava nossos corpos dias antes de nos encontrarmos na cozinha de Luíza. Nossos fazeres corporais também estavam presentes em nossos andares pela cidade para comprar os alimentos, em dirigir até o supermercado, na escolha específica do que comprar, quanto pagar, etc. Toda essa dinâmica perpassava pelos membros da Organização até o dia de preparar os alimentos, e ela não se enceraria ali.

Além disso, é interessante olharmos as entidades materiais que compõem a prática de cozinhar, em especial os objetos de cozinha. A OER possuía duas panelas específicas para a preparação dos alimentos, que desse conta do volume do macarrão cozinhado. Em média, entregávamos aproximadamente 23 marmitas por ação. Os objetos também implicavam em nossos fazeres corporais, visto que

as panelas, em questão, exigiam grande esforço braçal, devido ao seu diâmetro e o volume de comida, sendo que em várias ocasiões revezávamos na preparação dos alimentos quando nossos braços se cansavam.

Além disso, uma das razões para a organização do cozinhar ser realizada em diferentes etapas é a (im)possibilidade de mobilidade de nossos corpos em um pequeno espaço, uma cozinha média de apartamento. Segundo Schatzki (2019), o realizar das práticas é localizado no corpo de quem as faz e nos lugares onde realizamos as atividades inerentes a elas. No entanto, nosso fazer não era apenas corporal, mas também emocional. Assim, como havia um entendimento e regras do que, como e em qual ordem as atividades da cozinha deveriam ser realizadas, as emoções também faziam parte desse processo.

As emoções estavam presentes desde a compra dos ingredientes, que, mesmo dependendo de doações, nunca foram de má qualidade, da escolha do macarrão pensando no conforto na hora de mastigar, na escolha de uma bebida mais saudável, apesar de ser até mais cara do que sucos instantâneos ou refrigerantes. Essas emoções que invocam carinho, afeto e preocupação perpassavam por nossos corpos e se estendia até a população que atendíamos. A dimensão teleoafetiva da prática de cozinhar se conectava com a teleoafetiva da prática de receber os alimentos.

É interessante como a ocorre a dinâmica de sociabilização da OER com o pessoal em situação de rua. Muitos deles já se conhecem há anos. As meninas [OER] já sabem por onde passar para entregar as marmitas, sabem os espaços de cada morador [...]. Outra coisa que chama à atenção, é como eles [moradores em situação de rua] se conectam, eles possuem uma rede de relacionamentos própria, tanto de afetos e desafetos. (Diário de campo, agosto de 2018).

No entanto, é preciso dizer que essas emoções emergiam devido à interação social da OER com seu público alvo (Lutz, 1988; Lutz & Abu-Lughod, 1990), devido às histórias que eram (re)contadas enquanto cozinávamos, às memórias daqueles que conhecemos e perdemos, e à esperança de levar o mínimo de conforto e alegria



para essas pessoas. Porém, é necessário frisar que essas dimensões são intrínsecas para as pessoas que fazem parte da OER. Antes de entrarmos em campo, mesmo com a conversa prévia com Luíza, não sabíamos que o grupo era organizado de tal maneira. Conforme nosso tempo em campo, podíamos ver como esses fenômenos orientavam nossas ações.

Hoje recebemos a ajuda de um grupo de 05 pessoas de uma outra ação voluntariada. Como eles já são de outra ação, não foi feita uma conversa prévia com eles. Não gostamos deles. Achamos eles desorganizados, eles sumiram por um tempão com nossas marmitas, até achávamos que as tinham levado com eles ou deixado em qualquer lugar. Tentávamos contato por telefone e nada. Melhor se não tivessem aparecido, pouco ajudaram, mais atrapalharam. (Diário de campo, agosto de 2018).

Nesse caso, a prática de aceitação de novos membros foi ignorada. A prática de voluntariar diverge entre a OER e o outro grupo, o que acabou causando, além de um estranhamento, desconforto. Assim, ao considerarmos as emoções como emergente das práticas sociais (Lutz, 1988; Lutz & Abu-Lughod, 1990), podemos compreender diferenças entre as organizações. Primeiramente, porque o outro grupo não colaborou efetivamente na preparação de alimentos, nem sequer levando novas doações, apenas tentaram ajudar na entrega dos alimentos. Nesse sentido, percebemos uma divergência de emoções entre a OER e o outro grupo.

A OER organiza-se, primeiramente, a partir do afeto. A prática principal de entregar os alimentos para a população em situação de rua, antes mesmo de cozinhar, vem de um desejo e sentimento de acolhimento, carinho, amor, e esperança de poder aliviar um pouco a dificuldade desses sujeitos de morarem nas ruas da cidade, conforme observamos em campo. Nesse sentido, tivemos um estranhamento com a outra organização. Percebemos, assim, que a estrutura teleoafetiva que constitui a OER, ou seja, o porquê de realizarmos nossas atividades e as emoções inerentes a elas, era diferente do outro grupo, pois, ele não possuía os mesmos entendimentos, regras e finalidades (Schatzki, 2019) que a OER. Assim,

podemos identificar que embora as organizações são interligadas por diferentes constelações de práticas (Schatzki, 2012, 2019), nem sempre essas práticas são análogas. Neste sentido, a próxima seção do artigo retrata como a OER se interliga com diferentes organizações e forças políticas.

### **CONSTELAÇÃO DE PRÁTICAS: INTERAÇÃO ENTRE DIFERENTES ORGANIZAÇÕES**

A prática de cozinhar na OER interliga-se com diversas outras práticas de outras organizações. Retomando a fala inicial de Luíza da seção anterior, a ação social entrou em conflito com a associação onde eles preparavam os alimentos. Essa associação é um clube antigo na cidade de Maringá, sendo que seus associados pagam uma mensalidade para usarem suas instalações que contam com quadras de esportes, piscinas, academia e quiosques com cozinha e churrasqueira. Mesmo pagando para fazer uso dessas instalações, houve principalmente um atrito político entre as organizações. Primeiramente, porque as instalações eram utilizadas para uma atividade externa, embora a OER não fosse remunerada para tal. Segundamente, porque a OER atendia uma população carente da cidade, o que já contrastava com os usuários da associação em questão, que eram de classe média-alta e alta.

Conforme Luíza nos relatou, houve reclamações de outros associados com as atividades realizadas pelo grupo ali naquele espaço, ou seja, cozinhar para os moradores em situação de rua consistia em uma prática de resistência, tanto política quanto emocional, visto que as emoções constituintes e inerentes a OER eram essencialmente distintas da associação e daqueles que fizeram reclamações, o que acabou por dissolver a ação social antes de sua reestruturação ao comando de Luíza. A ação social promovida pela OER acontecia nas ruas da organização-cidade de Maringá, ou seja, uma organização social que acontece a partir das práticas de seus habitantes e dirigentes (Schatzki, 2006; Oliveira, Mendes & Lopes, 2019).

A prática de entregar os alimentos também pode ser considerada uma prática de resistência contra os interesses dos agentes políticos da cidade.

Uma ação recorrente que percebo é que o grupo se “esconde” da Guarda Municipal. Elas evitam mostrar sua presença e, consequentemente, suas práticas quando os guardas estão por perto. Acredito que isso ocorre para evitar conflitos, pois, a ação de entregar alimentos não é sempre bem vista, principalmente pelos guardas. Sempre escutamos relatos do pessoal em situação de rua da má convivência e experiências entre eles. (Diário de campo, outubro de 2018).

Embora o ir e vir dos habitantes não marginalizados da cidade ocorra de forma tranquila, estando em concordância com as estratégias estabelecidas pela organização-cidade, a OER assume uma prática de resistência a fim de subverter um possível conflito com os guardas da cidade quando se aproximam dos sujeitos em situação de rua. A prática de resistência é compreendida pelo entendimento que não devemos ser vistos para evitar problemas com a Guarda, a regra explícita é não fazer contato direto com os guardas. Neste sentido, a estrutura teleoafetiva dessa prática, em específico, consiste na finalidade de proteger e não prejudicar os membros do grupo, e mais importante, não prejudicar as pessoas que estamos atendendo. A emoção dessa prática emerge a partir de inúmeros relatos que ouvimos de violência física e psicológica que os moradores em situação de rua enfrentam dos agentes municipais.

Essas emoções são compartilhadas entre os membros da OER e os moradores que atendemos. O medo e o receio, nesses casos, fazem diferentes práticas de resistência acontecerem. No entanto, vale lembrar que as práticas de resistência da OER não são as mesmas da população em situação de rua. Desta forma, advogamos que é importante (re)pensarmos a coletividade das práticas de grupos que estão à margem da sociedade, pois, eles também carregam em seus corpos diferentes dizeres e fazeres (Schatzki, 2019), além de emoções próprias de suas situações de vida. Nesse sentido, compreendemos que as emoções constituem diferentes dinâmicas organizativas, dinâmicas essas que também são organizadas pela própria população em situação de rua.

Neste sentido, podemos observar como essa população interagia com outras organizações, como, por exemplo, instituições religiosas e de abrigo na cidade. José Luiz, em situação de rua há mais de

trinta anos, não faz uso do albergue da cidade devido a algumas práticas que ocorrem na instituição.

José Luiz diz odiá-los por controlarem o tempo do banho e o tempo de fazer suas necessidades básicas. Disse que se passa de dez minutos eles vão lá, desligam a água e te tiram do chuveiro. O ódio dele não é direcionado para essas instituições, em específico, mas sim aos seus funcionários e suas experiências com eles. (Diário de campo, setembro de 2018).

No relato de José Luiz, ele enfatiza que seu problema não é com a instituição propriamente dita, mas com seus funcionários. No entanto, ao consideramos que as organizações acontecem a partir de diferentes práticas, podemos compreender que o albergue em relato é composto por práticas que fogem de sua proposta como local de acolhimento. O entendimento dos funcionários relatados é que a população em situação de rua deve seguir um horário limite ao tomarem banho, eles devem seguir regras impostas e forçadas pelos agentes que controlam o tempo de uso do chuveiro. Essas práticas podem afetar não somente a própria dinâmica organizativa da instituição, como dela com seu público alvo, como no caso de José Luiz. Neste relato, podemos compreender o “não-ir” para o albergue como uma prática, a qual em nosso tempo de campo observamos não ser exclusiva ao José Luiz, construída a partir de uma forte estrutura teleoafetiva baseada em emoções como o ódio, por exemplo.

A prática de “não-ir” também se aplicava a OER, pois evitávamos ao máximo passar pela localização ou arredores do albergue.

Sempre percebo que não passamos pelo albergue. Apenas em raras exceções, acredito que desde que estamos aqui, fomos uma ou duas vezes. Uma vez fomos à procura de um rapaz que as meninas conheciam e faziam tempo que não viam, e que geralmente ficava por aquela região. Outra quando tínhamos marmitta de sobra, tínhamos encontrados poucas pessoas na rua aquele dia, e passamos pelo albergue caso tivesse mais gente por lá. Luíza me explicou depois que não passa por lá dois motivos: drogas e evitar conflitos. (Diário de campo, novembro de 2018).

Neste relato, podemos compreender que mais uma vez os artefatos são partes importantes da realização das práticas. As drogas utilizadas pela população de rua são um elemento impeditivo para a realização da ação social naquela região, não apenas para evitar conflitos dos moradores com seus pares, mas com a própria OER, visto que é uma Organização composta majoritariamente por mulheres. A dinâmica organizativa da OER é organizada de forma que seus membros se mantenham seguros antes de tudo, qualquer ação ou situação que pudesse colocar elas em risco não são toleradas. Neste sentido, compreendemos que a dinâmica organizativa da OER é organizada a partir de um entendimento e regra explícita de zelar por seus voluntários. Nesse caso, podemos inferir que a estrutura teleoafetiva acaba ditando os outros fenômenos organizativos da OER.

Além disso, o evitar conflito também se aplicava ao albergue. A OER buscava se distanciar de qualquer instituição de auxílio, seja o albergue, centro de acolhimento, ou instituições religiosas que lidam com a população em situação de rua da cidade de Maringá. Isso se dava devido aos relatos que o grupo escutava dos moradores que atendiam, assim como o de José Luiz. Esse distanciamento era benéfico para a Organização, pois, existia uma relação de confiança e proximidade entre os membros e os moradores que auxiliavam. Neste contexto, podemos compreender que a prática de evitar conflito permitia que a OER realizasse suas atividades de forma organizada, e que, além disso, o evitar conflito permitia a criação de novas estruturas teleoafetivas nas práticas da Organização. Neste sentido, podemos compreender que as organizações se conectam não apenas pelas práticas, conforme exposto por Schatzki (2019), mas também pelos realizadores dessas práticas, as pessoas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste artigo, objetivamos compreender a dimensão das emoções nas práticas organizativas de uma organização sem fins lucrativos na cidade de Maringá, Paraná. A discussão dos resultados foi embasada a partir dos Estudos Baseados em Práticas, em específico a partir das contribuições de Theodore Schatzki, e a partir do conceito antropológico sobre as emoções. Considerando que as práticas são atividades organizadas por quatro fenômenos sociais (Schatzki, 2002,

2019), podemos compreender como esses fenômenos se interligam em diferentes tipos de atividades humanas organizadas. Além do mais, no caso da OER, podemos observar como as entidades materiais são cruciais para a dinâmica organizativa da Organização. Dinâmica essa que se conecta com outras dinâmicas de outras organizações, sejam elas formais ou informais. Neste sentido, podemos compreender que as Organizações não estão conectadas apenas por uma rede e constelação de práticas (Schatzki, 2019), mas também pelas pessoas que se encontram no fim da estrutura teleoafetiva dessas práticas.

A partir dessas discussões, contribuimos teoricamente às análises organizacionais ao compreender que as organizações não acontecem apenas a partir de seus fazeres e dizeres (Schatzki, 2019), mas também por meio das emoções dos praticantes dessa Organização. As emoções, portanto, não podem e não devem ser compreendidas apenas como uma finalidade ou “fim” de uma estrutura teleoafetiva, é necessário pensa-las a partir de um não-dualismo. Esse não-dualismo permite-nos compreender as emoções como uma forma de reconexão com o outro, ou seja, enxergar as pessoas que fazem parte da Organização, mas também que estão ao redor dela.

A escolha de uma organização sem fins lucrativos como campo de pesquisa possibilitou a compreensão de como as práticas podem dar forma para as organizações. Ao considerarmos que as emoções são historicamente, socialmente e culturalmente construídas (Lutz, 1988; Lutz & Abu-Lughod, 1990), podemos compreender como elas ajudam a constituir as dinâmicas organizativas das organizações. Na OER, por exemplo, as emoções de preocupação, carinho e afeto fazem parte da dinâmica do grupo e estão presentes em suas diferentes práticas organizativas, antes mesmo do preparo dos alimentos. Além disso, o “olhar de perto” que a etnografia permite possibilitou que entendêssemos e sentíssemos que as emoções vão além de uma mera “finalidade” para as práticas tal qual postulado pela estrutura teleoafetiva (Schatzki, 2002, 2019), as emoções também estão presentes nos entendimentos práticos, gerais e nas regras que constituem as práticas organizativas.

Com os resultados deste artigo, propomos dois avanços que merecem maior desdobramentos teóricos e metodológicos. Primeiramente, a expansão dos Estudos Baseados em Práticas, em especial,

ao conceber as emoções não apenas como parte fundamental de nossas práticas sociais, conforme fora postulado por Lutz (1988) e Lutz e Abu-Lughod (1990), mas também como parte importante das organizações. Desta forma, entendemos que ainda há uma lacuna teórica que pode ser expandida ao compreendermos que as emoções também fazem as organizações acontecerem. Além disso, ao trazer-mos essa discussão para os EOs, podemos compreender diferentes redes e constelações de organizações, em especial, organizações que não tendem a ser muito estudadas no campo da administração, como, no caso deste artigo, uma organização sem fins lucrativos que lida com a população em situação de rua.

Essa discussão permite pensarmos novas maneiras de acessar diferentes tipos de pessoas, organizações e, conseqüentemente, práticas. Embora a etnografia já seja uma metodologia de destaque dentro dos EOs, pensa-la a partir das práticas permite pensarmos a etnografia a partir de um olhar afetivo, visto que as práticas são dizeres e fazeres corporais (Gherardi, 2019; Schatzki, 2019). Desta forma, compreendemos que uma etnografia baseada em práticas permite compreendermos o papel dos nossos corpos em nossas atividades, e como eles se organizam nas organizações, afinal são nossos corpos que carregam os entendimentos práticos, gerais, regras e estruturas teleoafetivas das práticas que realizamos. Desta forma, entendemos que os resultados deste artigo não esgotam de forma nenhuma o debate sobre o assunto, muito pelo contrário. Postulamos ser necessário expandir os estudos que concebam as práticas como produtoras de nossa realidade social e organizacional.

Sendo assim, consideramos que futuras pesquisas podem avançar na proposta teórica aqui apresentada, especialmente em relação as possibilidades de articulações das discussões sobre o conceito de práticas desenvolvido por Schatzki (2019) e sua amplitude analítica para o contexto brasileiro. Por exemplo, apesar das contribuições deste conceito para o debate sobre as emoções discutidas ao longo do trabalho, reconhecemos as limitações de seu escopo ao considerar elementos estruturantes das desigualdades sociais que marcam o país, a exemplo de debates vinculados a classe e outras assimetrias. Futuros trabalhos poderiam então discutir essas possibilidades de articulação que não foram nosso objeto de análise.

## ***Agradecimentos***

Agradecemos a CAPES pela bolsa de mestrado que possibilitou a realização dessa pesquisa.

## **REFERÊNCIAS**

- Álvarez, M. (2011). Além da racionalidade: o estudo das emoções como práticas políticas. *Maná*, 17(1), 41-68.
- Bispo, M. S. (2015). Methodological Reflections on Practice-Based Research in Organization Studies. *BAR, Braz. Adm. Rev.*, 12(3), 309-323.
- Cavedon, N. R. (2014). Método etnográfico: da etnografia clássica às pesquisas contemporâneas. In Souza, E. M. (Ed.). *Metodologias e analíticas qualitativas em pesquisa organizacional: uma abordagem teórico-conceitual*. Dados eletrônicos. Vitória, EDUFES, 65-90.
- Clifford, J. (2011). *A experiência etnográfica*. Rio de Janeiro: UFRJ.
- DeWalt, K., & DeWalt, B. (2011). *Participant Observation*. A Guide for Fieldworkers. Plymouth: AltaMira Press.
- Domingues, F. F., Fantinel, L. D., & Figueiredo, M. D. (2019). Between the Conceived and the Lived, the Practiced: The Crossing of Spaces at the Arts and Crafts Fair of Namorados Square in Vitória/ES, Brazil. *Organizações & Sociedade*, 26(88), 28-49.
- Fanon, F. (2020). *Alienação e Liberdade*. Escritos Psiquiátricos. São Paulo: UBU.
- Feldman, M. S., & Orlikowski, W. J. (2011). Theorizing practice and practicing theory. *Organization Science*, 22(5), 1240-1253.
- Fineman S. (2010). Emotion in Organizations – A Critical Turn. In: Sieben, B., & Wettergren, Å. (Eds) *Emotionalizing Organizations and Organizing Emotions*. Palgrave Macmillan, London.
- Fineman, S. (2000). *Emotion in organizations*. Second Edition. SAGE Publications Ltd.
- Fontana, A., & Frey, J. (2005). The interview: from neutral stance to political involvement. In Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (Eds.) *The Sage Handbook of Qualitative Research: Third Edition*. London: Sage.
- Gherardi, S. (2019). Theorizing affective ethnography for organization studies. *Organization*, 26(6), 741-760.
- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). (2020). *Nota Técnica – 2020 – junho – Número 73 – Disc – Estimativa da população em situação de rua no Brasil (setembro de 2012 a março de 2020)*. Disponível em: <[https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=35812](https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=35812)>.
- Jarzabkowski, P., Bednarek, R., & Spee, P. (2015). *Making a Market for Acts of God: The Practice of Risk Trading in the Global Reinsurance Industry*. Oxford Scholarship Online.
- Júlio, A. C. (2016). Produzindo o Desfile de uma Escola de Samba: Contribuições da Epistemologia de Schatzki. *Revista Interdisciplinar de Gestão Social*, 5(3), 145-161.



- Lodhia, S. (2015). Exploring the transition to integrated reporting through a practice lens: An Australian customer owned bank perspective. *Journal of Business Ethics*, 129(3), 585-598.
- Lutz, C. A. (1988). *Unnatural emotions: Everyday sentiments on a Micronesian atoll & their challenge to Western theory*. University of Chicago Press.
- Lutz, C. A., & Abu-Lughod, L. (Eds.). (1990). *Language and the politics of emotion*. Cambridge University Press.
- Mattos, M.; Ferreira, R. F. (2004). Quem Vocês Pensam Que (Elas) São? – Representações Sobre As Pessoas Em Situação De Rua. *Psicol. Soc.*, 16 (2) 47-58.
- Molander, S., & Hartmann, B. J. (2018). Emotion and practice: Mothering, cooking, and teleoaffective episodes. *Marketing Theory*, 18(3), 371-390.
- Observatório das Metrôpoles Núcleo UEM/Maringá. (2019). *Pesquisa Pessoas em Situação de Rua em Maringá-PR: Desconstruindo a Invisibilidade – Relatório comparativo 2015, 2016, 2017, 2018, 2019*. 2019. [https://www.observatoriodasmetropoles.net.br/wp-content/uploads/2019/12/Relatorio-2015\\_a\\_2019.pdf](https://www.observatoriodasmetropoles.net.br/wp-content/uploads/2019/12/Relatorio-2015_a_2019.pdf)
- Oliveira, J. S. (2016). Práticas Organizativas e Emoções: Contribuições para as Pesquisas sobre Organizações Culturais. *Revista Interdisciplinar de Gestão Social*, 5(2), 52-68.
- Oliveira, J. S., & Cavedon, N. R. (2013). Micropolíticas das práticas cotidianas: etnografando uma organização circense. *Revista de Administração de Empresas*, 53(2), 156-168.
- Oliveira, J. S., & Cavedon, N. R. (2018). Paixão pela arte ou arte pela paixão? Etnografando práticas e emoções no processo organizativo de um circo no Canadá. *Revista de Administração da Universidade Federal de Santa Maria*, 11(5),1344-1360.
- Oliveira, J. S., Mendes, E., & Lopes, B. F. (2019). Práticas de Organização na (Re)Organização da Cidade: Etnografando a Procissão do Fogaréu na Cidade de Goiás. *Pensamento & Realidade*, 34(1), 45-67.
- Oliveira, J. S., Ramos, T. G., Bernardo, G., & Rezende, L. (2016). Práticas Organizativas e Memórias: um Estudo Sobre uma Organização Artesanal na Cidade de Goiás-GO. *Teoria e Prática em Administração*, 6(1), 16-40.
- Passos, J. S. L., & Bulgacov, Y. L. M. (2019). Da Filosofia para os Estudos Organizacionais: O Percorso Ontológico de Schatzki na Teoria da Prática Social. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, 13(1), 1-15.
- Reckwitz, A. (2002). Toward a Theory of Social Practices: A Development in Culturalist Theorizing. *European Journal of Social Theory*, 5(2), 243-263.
- Reckwitz, A. (2013). Affective spaces: a praxeological outlook. *Rethinking History: The Journal of Theory and Practice*, 16(2), 241-258.
- Rodrigues, A. L.; Souza, P. R. (2018). Maringá: a ordem urbana na região metropolitana de Maringá: planejamento que produz segregação. In Ribeiro, L. C., & Ribeiro, M. C. (Eds.). *Metrôpoles brasileiras: síntese da transformação na ordem urbana 1980 a 2010*. 1ed. Rio de Janeiro: Letra Capital Editora, 369-393.

Santos, L. L. S., & Silveira, R. A. (2015). Por uma epistemologia das práticas organizacionais: a contribuição de Theodore Schatzki. *Organizações & Sociedade*, 22 (72), 79-98.

Schatzki, T. (2002). *The Site of The Social: A Philosophical Account of The Constitution of Social Life and Change*. Pennsylvania: Pennsylvania State University.

Schatzki, T. (2005). The sites of organizations. *Organization Studies*, 26(3), 465-84.

Schatzki, T. (2006). On organizations as they happen. *Organization Studies*, 27(12), 1863-1873.

Schatzki, T. (2012). A primer on practices. In J. Higgs, R. Barnett, S. Billett, M. Hutchings, & F. Trede (Eds.), *Practice, education, work and society: Practice-based education: Perspectives and strategies*. Rotterdam, Boston: Sense Publishers, 13-26.

Schatzki, T. (2016). Practice Theory as Flat Ontology. In Spaargaren, G., Weenik, D., & Lamers, M. (Eds.) *Practice Theory and Research: Exploring the Dynamics of Social Life*. Abingdon: Routledge, 28-42.

Schatzki, T. (2019). *Social change in a material world*. New York: Routledge.

Sieben, B., & Wettergren Å. (2010). Emotionalizing Organizations and Organizing Emotions – Our Research Agenda. In Sieben, B., & Wettergren, Å. (Eds) *Emotionalizing Organizations and Organizing Emotions*. Palgrave Macmillan, London.

Smets, M., Jarzabkowski, P., Burke, G. T., & Spee, P. (2015). Reinsurance trading in Lloyd's of London: balancing conflicting-yet-complementary logics in practice. *Academy of Management Journal*, 58, 932-970.

Vieira, A. M., & Rivera, D. P. B. (2012). A Hermenêutica no Campo Organizacional: duas possibilidades interpretativistas de pesquisa. *Revista Brasileira de Gestão de Negócios*, 14(44), 261-273.

Whittington, R. (2006). Completing the Practice Turn in Strategy Research. *Organization Studies*, 27(5), 613-634.

Recebido em: 7-4-2022

Aprovado em: 30-5-2023

Avaliado pelo sistema double blind review.

Disponível em <http://mjs.metodista.br/index.php/roc>